

"CARTILHA DE MARIALVA" ou "BARCA DO INFERNO"?

ISTO de marialvas e marialvismo é tema sem dúvida apaixonante. Não menos que o donjuanismo e outros que respeitam a caracteres.

É natural que José Cardoso Pires pelo sugestivo assunto se deixasse prender, até por embirrar com marialvas ou aquilo que julga que eles são. Temperamento combativo, escolheu alvo que valesse a pena, e alinhou as suas invectivas, em frases geralmente curtas e cortantes comentários, numa «Cartilha de Marialva», cuja capa é colete encarnado, com pespontos de retrós preto.

Edição restrita, só para... privilegiados.

O conceito de marialva do autor está assim expresso: «Marialva é o antilibertino português, privilegiado em nome da razão de Casa e Sangue, cuja configuração social e intelectual se define, nas suas tonalidades mais vinculadas, no decorrer do século XVIII.

No convencionalismo popular (ou antes pequeno-burguês) marialva é o fidalgo (forma primitiva de «privilegiado») boêmio e estoura-vergas. Socialmente será outra coisa: um

indivíduo interessado em certo tipo de economia e em certa fisionomia política assente no irracionalismo».

O marialva representa deste modo uma linha, espécie de constante histórica de tipo humano, a que contrapõe uma outra representada no libertino. Segundo Cardoso Pires, o primeiro é geralmente um fidalgo ou um privilegiado preso pelo

POR

CUNHA LEÃO

seu interesse à estrutura social tradicional, menosprezador das letras, a quem não interessam os intelectuais, desconfiado do progresso, amante do desforço físico, buscando a aventura amorosa num meio inferior ao seu, machista convencido da superioridade do homem sobre a mulher, condenando a legítima e as da família a reclusão caseira e... a coser meias. Cá em casa quem manda é ela, mas nela mando eu! Exponente de provincialismo, ainda que viva na cidade, cujo espírito contraria.

O libertino, esse é de ideias livres na base dos costumes livres. O Paraíso obtém-se na Terra. Com realismo e cinismo, infiltra-se na sociedade, que no fundo nada respeita, mete-se nas regras do jogo, para se aproveitar o mais possível. Subversivo, por dentro corroi. A sensualidade é sábia de olhos bem abertos. O autor inscreve no género Abelardo, Lactos (o par de protagonistas das Liaisons), Casanova, e entre nós D. Luís da Cunha e o Cavaleiro de Oliveira.

No quadro da oposição campo-cidade, o espírito libertino desenhava-se avançadamente urbano, iluminista, progressivo. Age pela razão, premeditadamente, enquanto o marialva se entrega ao irracionalismo.

Por isto, e pelo andar da «Cartilha», que se lê velozmente, dadas a vivacidade do estilo e as saborosas citações que o autor aproveita à laia de máximas de marialvas e libertinos — uns e outros condenados a desaparecer na trituradora social, que tudo reduzirá a cascalho e plásticos —, há certa condescendência para os sabidos libertinos e duro libelo contra os marialvas, apesar de... irracionais!

Esses tipos humanos há que vê-los na sua extensão universal e no âmbito português.

Povo de temperamento, o nosso escasseia em libertinos puros. Viramos para libertários ou anarquistas, não nos mantemos no lucido calcismo do libertino puro. Apaixonamo-nos...

Mesmo os racionalistas, pessoas de luminárias lívidas, tipo acetilene, sem fogo de jé ou calor de carne, derrapam-nos da simpatia. Quem pode ler o Verney? Antes o Bocage.

O marialva, sim, é produto bastante nacional. Mas o conceito de Cardoso Pires peca por extensão ilícita, espécie de boijuda Barca do Inferno, onde tudo cabe.

O pater-família severo é marialva; o marido finório que espia a mulher é marialva; o proprietário cioso da sua casa e estirpe é marialva; o que detesta planificações é marialva; o cidadão discreto é marialva; o democrata orgânico é marialva.

João de Barros, D. Francisco Manuel de Melo, António Sardinha, os sebastianistas e os homens de calças riscas — tudo uma sucia de marialvas!

Este conceito, quanto a nós, além de excessivamente generalizante, encerra contradições. O discreto, o das calças de fantasia e jaquetão preto,

e incompatível com o sebastianista, com o que ama a aventura e o marialva.

O atrato na história de Portugal entre realistas e aventureiros se dá — desde que não se encontre regime conciliatório. Entre libertinos e marialvas não conta, nem faltam confluências, como em José Agostinho, de uma e outra espécie.

Preferível será situar o marialva (aceita a designação consagrada, cujo conteúdo é mais vímoso que marialva) no lugar que lhe compete: subproduto do heroísmo aventureiro, que, à falta de melhor, se desgasta na estúrdia. É um estilo à procura de assunto.

Estuante de vida, propenso ao desforço físico, lidando toiros e cavalos — o que é nobre arte —, descamba daí para a estroinice ruidosa, de gorra com eguáricos e fadistas. Garboso, chibante, susceptível no que considera pontos de honra, afirma-se a propósito e a despropósito, pelo que se torna elemento perturbador. No fundo e de facto, é um descontente com a chateza coeva, nostálgico de Índias que já não há para descobrir, usando uma expressão de Fernando Pessoa. Herói em doca seca, adora os grandes feitos e, à falta deles, os grandes gestos, despreza o dinheiro e tudo o que nas letras lhe cheira a burocracia, abisma-se em vinho e... fado.

Inconformista que não traça planos, reage como animal fora do clima próprio. O que o cerca não lhe agrada, inadequado à sua plena afirmação pessoal. Quando a missão portuguesa esmoreceu no mundo é que proliferou o marialva, que se define com as suas especiais características no século XVIII. Não havendo lugar a ser herói, ao menos é teso.

Porém, já no século XV uma das razões que nos levaram à conquista de Ceuta e à expansão foi evitar que marialvas houvesse.

Os marialvas, aliados aos fadistas,

(Continua na 17.ª página)

O LIVRO

DA SEMANA

(Continuado da 13.^a página)

sempre escandalizaram as camadas intermédias da sociedade — desde a patriarchal aristocrática e rural, as burguesas, tanto alta como baixa. Contou com a simpatia de uma parte da nobreza, com a plebe lisboeta e de certos meios rurais adstritos ás grandes casas e ás artes equestres, taurinas e venatórias.

A «Carta e Guia de Casados», tão vaiada por Cardoso Pires, foi código, não de marialvas, mas de todas as camadas da população até quase aos nossos dias, com as excepções principais na fidalguia cortesã, onde a mulher desfrutava de mais livre convivio, e dos meios de intima condição.

O livro está cheio de conexões e ilações curiosas mas tiradas atrevadamente e com espirito jaccioso. O seu marialva não nos parece exacto. E o titulo da obra antes devera ser «Cartilha de Sujeitos com quem Embirron».

Literariamente este livro paradoxal, todo em caricaturas igneas, agrada-nos. Escrito com personalidade, em prosa ágil, sacudida e contundente, denota a posse de uma linguagem característica por um temperamento original de escritor.

No estendal da prosa mole ou de arrebiques, esta fala pão-pão, queijo-queijo, enxuta, desembaraçada, mesmo garbosa, sobressai.

O entendermos que não focou precisa e objectivamente o marialva não exclui reconhecermos o interesse do livro e das opiniões expressas, nem exclui tampouco a verificação de que o antimarialva autor dispõe do melhor estilo marialva das letras portuguezas de hoje.